

Aos Nossos Filhos

De Laura Castro

(Indicado ao Prêmio APCA de Melhor Dramaturgia 2013)

Aos meus filhos: Rosa, José e Clarissa

PERSONAGENS:

VERA: Vera é uma mulher de 60 anos, atualmente solteira, que teve três casamentos, dois dos quais com filhos e ajuda até hoje a criar também os enteados - filhos do último marido. Na juventude, fez parte da luta armada contra a ditadura no Brasil, o que resultou em 7 anos de exílio. Nesse período, teve sua filha Tânia no Chile, de onde teve que fugir após o golpe militar.

TÂNIA: Tânia tem 35 anos e vive um casamento que já vai completar 15 anos com outra mulher. Faz dois anos que ela e sua companheira, Vanessa, decidiram ter filhos. A realização desse sonho, no entanto, demandou uma intensa pesquisa de possibilidades envolvendo adoção, inseminação artificial com doador anônimo ou mesmo chamar um amigo para ser pai da criança. Por fim, fizeram a fertilização *in vitro* e é Vanessa quem está grávida do primeiro filho do casal.

Peça em 1 ato

(Música “Aos Nossos Filhos” de Ivan Lins, cantada ou incidental. A música contextualiza a peça e pode ser colocada inteira no início ou pontuando o texto, conforme futuras indicações. Enquanto acontece a música, Vera está queimando uma entrevista que deu sobre seu tempo de luta contra a ditadura militar no Brasil. Tânia está escrevendo uma carta para Vanessa.).

Música:

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim

Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim

Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim

E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim

Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim

Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim

Tânia: (Tânia na porta da casa de sua mãe. Ela quem fala todo o diálogo a seguir)

Mãe, eu... eu... *anda logo, Tânia. Pode dizer.* eu fiquei de recuperação em física. *uhum.* e matemática. *eu sei.* Como eu sei? Nunca entendi "eu sei". Depois, *problema seu, a responsabilidade é sua, você sabe.* Eu sei. Mãe eu...eu... *diz Tânia* eu e o Cadu transamos. *e foi bom?* Como assim foi bom, foi a primeira vez, sei lá se foi bom, sei lá! *É sua vida, filha, melhor que tenha sido bom. É sua vida, filha. É sua vida filha espero que saiba o que está fazendo.* Estou namorando uma menina. *Tudo bem. Eu sei. Sua responsabilidade. Confio em você,* confio em mim. Tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Mudança de Luz. Vera dando a entrevista que a vimos queimar. Trecho da canção (cantada ou incidental)

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim

Vera: Você vai querer publicar essa história? Admiro sua tese sobre mulheres e guerrilha e por isso estou dando a entrevista, mas não gosto de falar nesse assunto. Falei porque era pra você. Não vou continuar. Vamos ter que parar por aqui.

Volta a Luz.

Tânia bate na porta da casa da mãe. Vera dá mais um gole na taça de vinho na sala, antes de sair do computador e atender a porta.

Vera: Já vai! Taninha?

Tânia: Eu!

Vera: Tá sem sua chave?

Tânia: Eu te devolvi minha chave faz dois meses porque você não achava a sua!

(Vera abre a porta) Tânia está calada.

Vera: Entra filha. Vai ficar aí parada! Anda logo. Quer vinho? Tô tomando um muito especial. Conheci na última viagem que fiz ao Uruguai. Agora, às sextas-feiras me dou ao direito de tomar vinho sozinha e vinho bom. Tomo, leio alguma coisa. Depois fico super relaxada. Você quer?

Tânia: Um pouco.

Vera: Estou engajada em um projeto novo, de assistência psiquiátrica a crianças soropositivas. Tem a história do bichinho no sangue da criança. Essa imagem é um horror, você não acha não? Você viu essa pílula nova que lançaram nos EUA?

Tânia: Que pílula mãe?

Vera: Tava no jornal. Em que planeta você vive?

Tânia: Mãe

Vera: É uma pílula distribuída a grupos de risco que previne a contaminação por HIV.

Tânia: Mãe, eu...

Vera pára.

Vera: Fala Tânia.

Tânia: Mãe eu... eu...

Vera: Já sei! Passou no concurso de juíza! Eu estava mesmo com isso na cabeça. Não é a toa que abri esse vinho. Eu sabia que o resultado era por agora, mas achei que fosse mais no fim do mês. Eu sempre soube que você ia passar! Minha geneazinha! Não? Ainda não? Não passou ou não saiu o resultado?

Tânia: Ainda não saiu o resultado. É só no final do mês. Mãe eu...

Vera: Anda logo Tânia, pode dizer!

Tânia: Vou ser mãe!

(Vera para por um instante tentando processar a informação)

Vera: Que maravilha! Que boa notícia! Vamos brindar! O vinho não, o vinho é bom, mas não o bastante, vou abrir um espumante.

(Vera guarda o vinho e pega um espumante).

Vera: Abre filha, nunca consigo abrir essa coisa. Vou pegar minhas taças de cristal. Tenho essas taças desde o casamento com seu pai. Cuidado com elas, viu?

(Tânia abre o espumante, serve as duas taças)

Vera: Então, um brinde ao novo rebento. Saúde e vida longa!

(Elas brindam. Bebem. Seguem bebendo em silêncio. Esvaziam a primeira taça. Vera serve outra taça para si e faz menção de servir Tânia e pára)

Vera: Para você, uma só taça! (meio rindo) Olha, eu não quero ser chamada de vovó, tá? Vamos inventar outro nome... vovó tem um peso enorme, né? Parece uma velhinha de cabeça branca e bengala. Eu posso ser Vevé... parece vovó, mas seu tio me chamava

assim quando a gente era pequeno, no lugar de falar Vera ou Verinha, ele falava Vevé (riem).

Quando eu estava grávida de você, bebi bastante nos três primeiros meses... mas depois parei. Só não parei de fumar. A gente não achava que fazia tão mal. Só parei com o cigarro depois que você nasceu, eu não conseguia amamentar fumando, me dava nervoso... mas meu leite secou logo... Às vezes acho que foi síndrome de abstinência do cigarro. Foi só parar de amamentar que eu voltei a fumar feito uma louca.

Tânia: Eu me lembro quando você parou de fumar.

Vera: Fiz promessa e cumpri. Deve ter sido a única vez. Vocês viviam me atazanando para eu parar, você escondia meus maços. Uma vez eu abri um maço e só tinha daqueles cigarrinhos de chocolate, lembra? (riem novamente)

Tânia: Passei uma semana preparando isso! (as duas se divertem com a lembrança. Depois silencio).

(Tânia serve mais uma taça de espumante para si.)

Eu não estou grávida. A Vanessa está.

Vera: Claro, a Vanessa! Porque não pensei nisso. Que bom.

Sempre pensei que seria você. Mas, muito bem. É sua vida, você sabe o que está fazendo.

Tânia: Como assim?

Vera: Como assim o que? Você decidiu que vai ajudar a Vanessa, que vai criar essa criança, eu respeito, confio, tudo bem. (serve um pouco mais de espumante)

Tânia: Eu não vou ajudar a Vanessa. Eu vou ser mãe.

Vera: Muito bem. Você sabe o que está fazendo.

Tânia: Não, eu não sei o que estou fazendo, eu estou tendo um filho, pela primeira vez, eu não sei como é isso.

Vera: (se recuperando) Pois eu confio em você. Você e Vanessa serão ótimas mães!

Tânia: Vamos sim, mãe. Você vai ver. Claro que eu to com medo, que parece difícil agora, mas eu sempre sonhei com isso, você vai ver.

Vera: E o Antônio é o pai?

Tânia: O Antônio? Não. Porque o Antônio?

Vera: Não sei, sempre imaginei que se vocês fossem dormir com um homem seria com o Antônio. Ele é bonito, alto, bons gens...(ri). E vocês vivem juntos, desde sempre,

mesmo antes de conhecer a Vanessa e eu sempre achei que ele também achava a Vanessa bem atraente. Acho que ele se decepcionou quando soube que ela também era gay. E quando vocês começaram a namorar então, eu acho que ele ficou péssimo, sempre achei que no fim ele imaginava que ficaria com você... (meio rindo) ia te converter...

Tânia: Não, mãe, o Antônio não pensava isso.

Vera: Claro que pensava. Eu e o Fernando sempre dizíamos isso. Desde que você tinha o que? 18 anos?

Tânia: Você e o Fernando queriam isso.

Vera: Claro que não! Que loucura! Eu estou falando porque, como eu disse, acho que seria um ménage interessante... Eu nunca estive com uma mulher, mas um ménage eu acho interessante. Engraçado que foi com o Afonso, o mais careta dos meus maridos que pensamos nisso... mas no fim, ele desistiu. Ele sempre foi meio covardão mesmo, mas tinha as fantasias mais ousadas. Diferente do Davi. Seu pai tava muito preocupado sempre, mal sobrava tempo...

Tânia: Mãe, para.

Vera: Qual o problema, filha? Não estou falando mal do seu pai, só estou dizendo que mal sobrava tempo pra sexo com as preocupações dele.

Tânia: Ainda assim, vocês deram um jeito de ter um filho no exílio. E não, eu jamais faria um ménage. O Antônio não tem nada com isso e não a Vanessa também não dormiu com ninguém. Usamos doador anônimo. Fertilização *in Vitro*. Tratamento.

Vera: Eu não entendo... perder uma oportunidade dessas.

Tânia: Oportunidade?

Vera: Você tá com a Vanessa há quanto tempo? Há quanto tempo não dorme com um homem? Digo que podia ser interessante. Pra que fazer filho em médico, meu Deus! E esses médicos são todos uns mercenários, não tinha um que estuprava as pacientes? Fazer criança em laboratório... podendo ter um noite diferente, pelo amor de Deus.

Tânia: Esquece, não dá para falar com você mesmo. Obrigada pela bebida.

(Vanessa termina a taça e pega a bolsa para sair. Levanta e no lugar de ir para a porta vai para a cozinha. Pega um pacote de biscoitos e senta em outro ponto da sala como se estivesse sozinha. Come.)

Mudança de luz: Carta de Tânia para Vanessa:

(música cantada ou incidental)

Perdoem a cara amarrada

Perdoem a falta de abraço

Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim

Tânia: Meu amor,

Desculpa não ter te encontrado ontem, mas foi impossível sair de casa. Minha mãe chegou de surpresa com o Fernando e eles ficaram me fazendo perguntas tipo onde, com quem, por quê... Achei melhor ficar para não levantar mais desconfiança. Tá sendo uma patrulha por aqui. Da outra vez eu disse que estava com o Antônio. A mamãe ligou pra ele e o idiota disse que eu tinha saído para comprar um picolé e já voltava... Não acho que ela comprou essa história. Tô cansada demais de esconder de todo mundo. Muito cansada. Mais do que isso, fico desesperada de te fazer sofrer, te deixar esperando, dizer para todo mundo que namoro o Antônio... Você vai me perdoar por isso? Eu não sei se eu me perdo.

Volta a luz

Vera: Sabe quem teve aqui essa semana? O Pedro. A Cíntia está grávida. O Pedro é muito novo, eu fiquei bem preocupada com ele, sugeri que interrompessem a gravidez, mas eles não querem, só posso torcer para o melhor.

Tânia: Ele me contou. Pelo menos as crianças vão ser amigas.

Vera: Vai sobrar pro Fernando sustentar neto. Aposto que ele vai sair por aí bem ridículo dizendo que é filho dele com uma mulher mais nova até do que a Cíntia.

Tânia: O Fernando não tá com ninguém, mãe. E se o Pedro e a Cíntia querem ter o neném, eu acho legal. Vai atrapalhar algumas coisas sim, mas eles podem contar com o Fernando, com você. O Pedro me disse que você se dispôs a ajudar.

Vera: Vou fazer o que? O Pedro é carinhoso, no fim das contas vai ser bom pai.

Tânia: Acho que sim.

Vera: E esse bebê que a Vanessa está esperando, o que vocês sabem sobre o pai?

Tânia: Não tem pai, mãe.
Tem certeza que você quer conversar? Se quiser um tempo eu volto amanhã, ou semana que vem.

Vera: Claro que tem pai, minha filha, todo mundo tem pai. Você infelizmente tem pai.

Tânia: Meu filho não tem pai.

Vera: Pai biológico é o que eu quero dizer. Todo mundo precisa de um pai para vir ao mundo.

Tânia: Todo mundo precisa de esperma para vir ao mundo. E isso a gente importou.

Vera: Made in China? Esperma com etiqueta? Sem invólucro... Sério, filha. O que vocês sabem sobre o homem de quem vocês usaram o esperma. Não é brasileiro?

Tânia: Não. Escolhemos em um banco de esperma americano.

Vera: E o que tem de errado com esperma brasileiro?

Tânia: Nada, na verdade. Foi difícil escolher. Depois o médico disse que a técnica de congelamento lá é melhor, fora isso os bancos americanos tem mais informação. O que eu nem sei se é bom. Mas tem fotinho, entrevista, hobby, religião!

Vera: Um esperma religioso!!

Tânia: Pois é, agora religiosidade é genética... É esquisito, tudo online, parece supermercado, promoções, especial do mês. "Apenas esse mês, fotos a 5 dólares!". (As duas riem)

Mas já que tínhamos que escolher, escolhemos um doador parecidinho com a gente e com o melhor histórico médico.

Vera: E se um dia essa criança quiser conhecer a família americana, minha filha. Como vai ser?

Tânia: Ela não vai ter família americana, vai nascer no Brasil, filha de duas mães brasileiras, nada com os Estados Unidos.

Vera: Mas pode ser interessante ela conseguir a cidadania, vocês não acham? O pai é americano, ela tem esse direito.

Tânia: Puta que Pariu, quantas vezes vou ter que falar que não tem pai! É um doador de esperma, só isso. Não tem gente que doa rim, fígado, pois bem, ele doou esperma, não tem nada com essa criança!

Vera: Um rim não faz a pessoa. Você não acha que, quando crescer, o filho de vocês, não pode querer saber sua origem biológica? Pode brigar para encontrar essa família, querer fazer parte e até conseguir cidadania americana?

Tânia: Pra começar, isso é legalmente impossível. E se você quer saber, eu acho realmente que não. Porque ele ia querer saber de um cara que nada tem a ver com ele?

Vera: Como nada a ver? E os olhos, a aptidão pra música ou matemática?

Tânia: Certamente não será maior que a eloquência que ele vai herdar de mim e de você.

Vera: Escuta o que eu estou te dizendo, ele vai saber que veio de um banco de esperma. Você não vai poder esconder isso dele... Ninguém fica satisfeito com essa informação.

Tânia: Ele veio do meu desejo e do desejo da Nessa.

Vera: E de um banco de esperma. E não vai ter um pai pra ensinar a jogar bola, pra levar nas festinhas...

Tânia: Eu levo nas festinhas, eu ensino a jogar bola.

Vera: Você é ótima nisso mesmo... Só não é melhor que a Vanessa. Vocês são é muito prepotentes, isso sim. Vão criar um buraco na vida dessa criança, uma falta que vocês não podem nem começar a dimensionar, mas tudo bem. Tá ótimo!

Tânia: Nem começa. Quem é você para falar de buracos na vida da criança? Eu fui criada sem lugar, sem referência, cheia de faltas e buracos e estou aqui. Essa porcaria, você deve achar. Não ficou feliz com resultado? Mas é quem eu sou.

Vera: Você foi criada com pai e mãe!

Tânia: E isso é a coisa mais importante do mundo?

Vera: Isso é a coisa mais importante para uma criança!

Tânia: Vamos todos concordar! Falou a psiquiatra! Autoridade máxima em crianças que passava uma hora inteirinha por dia com a própria filha.

Vera: Não é justo você falar dessa maneira. Se veio para me agredir pode ir embora.

Tânia: Eu não disse que tá ótimo. Eu disse que é o que eu tenho pra dar. Eu não vim para te agredir. Eu vim para te informar. É assim que meu filho vai vir ao mundo. As informações que eu tenho sobre o doador eu vou dar. Temos uma foto de infância do homem, temos o histórico médico, temos uma entrevista gravada. O dia que nosso filho quiser ter acesso a isso, se ele quiser, vamos mostrar. Isso te acalma? Mas eu sinceramente espero que esse dia nunca chegue. Mas meu pai insistiu que era importante a gente guardar isso...

Vera: Tinha que ter o dedo do seu pai nessa história.

Tânia: Mãe, não começa de novo.

Vera: Que foi, Tânia? Não posso falar nada do seu papaizinho querido?. Pro Davi tudo que você faz é lindo, “papai, quero ser mico de circo – que lindo, minha filhinha, eu te levo até o picadeiro”, pra ele deve ter sido bom você virar lésbica. Ele continua o único homem da sua vida, a queridinha do papai.

Mudança de luz. Vera dá a entrevista

Vera: (Trecho da música, cantada ou incidental)

Perdoem por tantos perigos

Perdoem a falta de abrigo

Perdoem a falta de amigos

Os dias eram assim

Teve muita gente mais corajosa do que eu. O Davi, por exemplo. Eu e o Davi iniciamos no movimento juntos. A gente era muito novo e tinha certeza que ia fazer a revolução.

Fomos presos juntos, no mesmo dia. Estávamos escondidos na fazenda do meu sogro. Quando os homens chegaram ele se entregou. Disse que estava sozinho e eles quase

foram embora. Mas um cachorro que estava com eles começou de repente a latir na minha direção. Eu e ele fomos torturados a noite toda ali, um na frente do outro.

Volta a luz, Tânia continua comendo os biscoitos com avidez.

Vera: Deixa eu guardar esses biscoitos. Nem sei o que eles estão fazendo aqui!

Tânia: Eu gosto. Eu compro. Eu deixo aí.

Vera: Você sabe que você não pode.

Tânia: Não começa, eu não tenho mais 15 anos. (Tânia para de comer o biscoito. Fecha o pacote. Volta a sentar na poltrona perto de sua mãe.) Bom, é isso. Eu vim te dizer que eu e a Nêssa vamos ter um filhote. A previsão de parto é 29 de maio, 36 semanas a partir de hoje!

Vera: Que maravilha. Quem mais sabe?

Tânia: Por enquanto, só meu pai e os pais da Nêssa.

Vera: Eles devem estar contentes.

Tânia: Acho que sim.

Vera: Souberam de primeira mão, puderam acompanhar, ajudar a filha deles a gerar uma vida. E seu pai, um banana. Não me falou nada. Ninguém me falou nada e ele deixou você ficar de coadjuvante nessa história. Tudo para ele mesmo poder brilhar.

Tânia: Ficou maluca, mãe. Meu pai participa da minha vida, ao contrário de você que julga sem falar nada. Fingindo que está tudo muito bem.

Vera: Eu não estou julgando ninguém. Desde que você era pequena que eu decepcionei seu pai. Ele acha que eu não sou boa mãe. Eu não era como a mãe dele. Eu não parei todas as minhas atividades, eu não dobrava as meias de maneira mais fácil de colocar no pé – eu nem sabia onde estavam as meias! – eu esquecia o dia de levar doce para a escola. Ele fazia essas coisas, mas criticando, como se ele tivesse que suprir a mãe que eu não era. Agora novamente. Ele sabe antes de mim e deixa isso correr dessa forma pra me agredir. Para eu me sentir culpada.

Tânia: É impressionante como tudo passa a ser sobre você.

Vera: Muito pelo contrário... ai quem me dera fosse assim. Mas vocês sempre estiveram em primeiro lugar. Para tudo na vida, vocês vieram na frente. Só que eu não seria boa mãe se deixasse de lado minhas outras atividades, vocês primeiro, mas eu estava mais inteira se continuasse a minha luta – eu acreditava na luta – mais que seu pai – e depois no trabalho. Achei que você soubesse o que é isso. Se dedicar ao trabalho. Nossa horinha juntas sempre foi muito mais do que isso. Eu sempre conheci cada um de vocês, muito, sempre soube o que ia na cabeça de cada um e sempre confiei na capacidade de vocês de escolher e de se fazerem felizes. Dei a vocês autonomia. Se ele ia levar você de carro até o picadeiro, eu te ensinei a achar seu próprio caminho até lá,

aí sim, você poderia ser até mico de circo, se isso viesse do seu esforço, da sua vontade. E eu sabia que você ia ter um filho. Desde criança você é louca com as suas bonecas, você nasceu para ser mãe. Só tenho medo de você se ressentir mais tarde por não ter um filho de verdade.

Tânia: Ahh, pelo amor de Deus mãe!!

(Toca o celular de Tânia. Ela atende.)

Tânia: Oi amor. Como você está? Algum enjoo? Não, estou aqui ainda, mas não devo demorar. Porque preciso conversar com calma. Claro que é bom, ela tá achando bom sim, claro. Tá te mandando um beijo. Saudade de vocês dois. Daqui a pouco eu chego. Beijo

Vera : Ela está bem?

Tânia: Está.

Mas me conta mais desse seu novo projeto. Crianças com Aids, não é isso?

Vera: Pois é. Estou escrevendo um artigo sobre a relação dessas crianças com a escola, sobre o direito que as crianças - que os pais das crianças - tem de não se declararem soropositivas nas escolas.

Tânia: Como assim não se declararem? Não informarem para a escola?

Vera: É. Isso é um direito já adquirido, mas tem sempre gente questionando. É impressionante como alguns estabelecimentos de ensino estão despreparados para lidar com essa informação. As crianças acabam sendo expostas a diversas situações terríveis. O famoso bullying seria o mínimo... Já não basta terem que ter os cuidados chatos de acompanhamento da doença ainda tem que enfrentar, desde cedo, um preconceito desse tamanho dificultando a inserção delas na sociedade. Atravancando a possibilidade, que medicamente seria bem grande, de terem uma vida normal.

Tânia: Não se trata de preconceito, mãe. Eu entendo que as escolas tem que estar mais bem preparadas, mas não dá para não informar. E se acontece alguma coisa?

Vera: Que coisa, Taninha?

Tânia: Sei lá, criança cai se rala toda, sangra. O outro vai lá ajudar, suja a mão, Poe a mão na boca e quando se vê uma criança que não tinha nada com isso, virou aidética!

Vera: Mesmo que isso acontecesse minha filha. Umas aulinhas de medicina te cairiam bem antes de tanta opinião. Mesmo que eu derramasse um balde de sangue contaminado no chão agora, em poucos segundos o vírus estaria inativo. Aids não pega assim não e nem mata. O que pega é a discriminação, isso sim é um horror.

Tânia: Pois eu não queria que o meu filho tivesse na mesma turma de uma criança com Aids. Eu ia querer saber sim. Para ter escolha, por precaução, não precisa nomear a criança.

Eles não passam um bilhete avisando quando tem alguém com lêndea na escola. Então...

Vera: Como assim Tânia? Começar uma caça às bruxas na escola? Sujeitar essa criança a todo tipo de preconceito que pais superprotetores são capazes de criar? Que absurdo, minha filha.

Tânia: Absurdo não. Absurdo é essa sua ideia louca de não avisar. De colocar sei lá quantas crianças em risco por conta do bem estar de uma.

Vera: Minha ideia não. Isso é um direito, advogada de plantão.

Tânia: Pois se eu tiver que julgar um caso desse, culpo os pais da criança. Que pais são esses...? Como essa criança pegou essa doença horrível? No mínimo uma mãe viciada ou promíscua.

Vera: Para Tânia! É muito absurdo junto. Quem é você para julgar a mãe dessa criança ou condenar o filho a ser um párea na escola. Ainda bem que a lei existe e tomara que a maioria dos juizes não concorde com você. Você não tem ideia do que estaria fazendo essa criança passar. Você não tem a menor ideia do que é sentir na pele o preconceito e a discriminação.

Vera: Que foi? O que que eu falei de errado agora?

Tânia: Você fala de preconceito e discriminação e nem consegue ver que esse é meu filho de verdade. Esse é o caminho que eu estou trilhando para mim. Eu tenho sim autonomia e coragem e vou ter um filho. De verdade.

Tânia chora

Mudança de luz. (música cantada ou incidental)

Perdoem por tantos perigos

Perdoem a falta de abrigo

Perdoem a falta de amigos

Os dias eram assim

Meu amor,

Me desculpa mais uma vez. Eu não aguento mais te pedir desculpas, mas eu realmente achei que não tinha ninguém em casa. Quando a mamãe chegou, eu entrei em pânico. Eu precisava que você se escondesse, mas eu não vi onde você foi. Você não sabe como ela está com essa história. Ela diz que tudo bem, mas enche o olho de água toda vez que eu entro no assunto. Se ela visse a gente junta ia ser mais uma noite de choro no quarto, óculos escuros na manhã seguinte e voz de decepção. Me dói demais. Eu não aguento lidar com isso. Me perdoa.

Como está o seu pé? Quando eu vou poder te ver para fazer uma massagem? Esse primeiro andar é alto. Mas eu juro que compenso. Prometo que nunca mais te faço passar por essa situação. Eu te amo demais. Fica bem, por favor.

Vera (dando a entrevista): Eu escolhi o pai da minha filha. Eu queria alguém que fosse estar sempre ali para ela. Mesmo que nos separássemos. Não podia imaginar uma criança criada sem pai.

Do pai mesmo da Tânia eu não sei nada. Na época sabia só o codinome. Estávamos em um mesmo aparelho, ele era argentino. Sei que ele desapareceu mais tarde. Nunca acharam o corpo.

Tânia (lendo): Minha linda,

Nem sei como te dizer isso, mas eu não posso mais. Não posso mais ser quem eu não sou para agradecer sua mãe. Primeiro tinha que ser sua amiguinha descolada, enquanto você namorava o Antônio... Quando você finalmente teve coragem de contar pra ela, eu tenho que ser forte o tempo todo, mostrar pra sua mãe que você não perde nada em estar comigo. Eu não sou essa fortaleza, eu sou frágil, eu sou mulher, eu não sei te dar, muito menos dar pra ela, todas essas garantias. Hoje quando eu saí da sua casa tive que chorar escondido. Sei que ela é importante para você. Não posso te pedir para escolher entre sua mãe e eu, então eu estou indo embora. Lembra que eu te amo sempre. Da sua, Nêssa.

(Música cantada ou incidental)

Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim

Volta a Luz

Vera: E se você e Vanessa se separarem?

Tânia: Como assim?

Vera: Minha filha, você é careta, vai estar lá na certidão de nascimento: mãe: Vanessa Rangel e pai desconhecido. Horrível essas certidões, carteira de identidade com pai desconhecido. É isso que vocês querem? Você é advogada, vai amar essa criança como filho.. E se você morrer? Que direitos eu, como avó, teria...? Você não vai poder deixar sua herança, intervir diretamente, essa criança pode nem saber de você.

Tânia: Eu vou registrar, junto com a Vanessa. Já existem vários casos.

Vera: Você vai ser o pai? (rindo)

Tânia: Não. Eu sou mãe dessa criança. Eu sou a mãe dessa criança. Eu planejei essa gestação eu defini que essa criança viria ao mundo, eu escolhi que essa vida fosse gerada. Eu procurei o médico, eu escolhi o doador, eu paguei esse tratamento terrível e caro, eu fiquei do lado da Nêssa nas tenebrosas alterações hormonais por causa dos remédios, eu chorei as outras duas vezes que tentamos e não deu certo! E dessa vez eu

acompanhei o ultrassom e vi o embrião ser colocado no útero, eu estava lá no primeiro sopro de vida desta criança. É meu filho e eu não sou homem para ser pai, eu sou mãe.

Vera: Faz quanto tempo que vocês estão tentando?

Tânia: Agora, se o seu interesse é jurídico, eu vou fazer uma adoção unilateral. Existem duas vagas parentais – normalmente a do pai e a da mãe, mas nada impede que sejam duas mães. Como um dos lugares está vago – e por isso também é muito bom que não seja filho do Antônio, pois, nesse caso, teria um pai e não haveria esse espaço – eu posso pedir a adoção para ser mãe junto com a Vanessa. O resultado é que na certidão de nascimento vai constar - FILIAÇÃO: Vanessa Rangel E Tânia Araújo. Não existe mais essa história de pai desconhecido a propósito.

Vera: Faz quanto tempo que vocês estão tentando?

Tânia: Dois anos.

Vera: E você não me falou nada.

Tânia: A situação já estava difícil demais. A Nêssa já está perto dos 40 e a ovulação não correspondia. É muito desgastante...

Vera: E você não achou que eu poderia ajudar?

Tânia: Nossa cabeça já estava o caos. Cada tentativa é como se tivéssemos conseguido engravidar e cada vez que a Nêssa menstruava era como se tivéssemos perdido um filho, como eu chorei.... mas precisava lidar com isso sozinha.

Vera: Não precisava não. Eu poderia ter ajudado. Você veio sem querer. Longe de tudo e de todos. Tive facilidade sim, facilidade até demais. Mas quando tive o Luiz eu já era mais velha como vocês e levou 4 meses para eu engravidar! Foi a primeira vez que eu planejei e foi horrível! Eu sei o que você está falando.

Tânia: É diferente. 4 meses sendo feliz e praticando muito não é nada perto desse tratamento.

Vera: Sendo feliz mais ou menos... Me senti velha, infértil. O Afonso não ajudava muito. Jogava na minha cara que era 10 anos mais novo.

Tânia: Aliás, o Luiz tem ligado? Nunca mais apareceu no skype.

Vera: Falei com ele tem 15 dias. Sumiu de mim também.

Tânia: O projeto dele de mestrado tava bem bacana a última vez que me mostrou.

Vera: Pra mim não mostrou nada... Tá vendo, todo esse sacrifício para engravidar, de repente começam a engatinhar, andar e quando você vê, está passeando pela Europa! (as duas riem)

Tânia: Uma coisa de cada vez... Foi horrível. Meses de desgaste, gastos com remédios, injeções de hormônio que por outras três vezes não fizeram efeito e não foi nem

possível tentar! A Vanessa ficou maluquinha, né? Hormônio até o cabelo, irritada, mau humorada, chorosa. Teve um dia que eu saí cedo para o trabalho e ela me ligou aos prantos. Voltei correndo para casa e ela tinha só se sentido sozinha, eu não tinha me despedido e ela tinha ficado com medo. Era o dia seguinte da implantação e ela deveria ficar de repouso... (o celular de Tânia apita. Ela olha uma mensagem).

Vera: O que foi?

Tânia: A Vanessa. Tá tudo bem.

Vera: Se prepara agora para os hormônios da gravidez... não é mole não.

Tânia: Nesse meio tempo, entramos com o processo para nos habilitar para adoção também. Acho até que eu preferia. Mas é outro processo longo e desgastante e a gravidez era um sonho da Nêssa. Fico feliz que insistimos, mas quem sabe não vem um irmãozinho adotado mais tarde?

Vera: E você? Porque você não quis engravidar? Não quer?

Tânia: Não quero.

Mudança de luz: Vera continua a entrevista.

(Música cantada ou incidental)

Perdoem a falta de folhas

Perdoem a falta de ar

Perdoem a falta de escolha

Os dias eram assim

Vera: Engravidei da Tânia e a situação era cada vez pior, corríamos riscos. Eu queria ir a Cuba fazer treinamento de guerrilha. A tortura estava, está sempre, fresca na minha pele... conheci companheiras grávidas na prisão, elas também tinham saído do Dops. Nada me parecia pior. O bebê de uma delas nasceu na cadeia. Fizeram o corte sem anestesia. O bebê tinha paralisia cerebral. Decidi que eu não podia ter aquela criança. Tomei tudo que foi droga abortiva, sangrei muito, achei que tinha perdido. Foi aí que eu reencontrei o Davi. Ele chegou no Chile pouco depois de mim. Ele me deu coragem de levar a gravidez adiante. Não conseguiria sozinha.

Volta a luz

Vera: (Tira do forno uma torta de camarão. Serve): Estava com essa torta congelada a um tempão.

Tânia: Eu adoro. (Vera serve um grande pedaço no prato de Tânia) Obrigada. Você tem que me dar a receita disso.

Vera: Como se você cozinhasse...

Tânia: Como se você cozinhasse, torta de camarão e omelete. Fim! Mas eu gosto dos dois. O omelete eu sei fazer. (riem)

Vera: A mãe da Vanessa deve ficar com ela nos primeiros meses. Toda mãe sonha em acompanhar a filha nesses dias. Passar seus conhecimentos, ajudar a dar banho. Se eu me juntar fica mulher demais.

Tânia: Eu vou precisar de você, mãe.

Vera: Você pensa que vai. Mas eu vou me sentir invadindo. A Vanessa vai parir, vai estar frágil, vai querer a mãe dela por perto. Se fosse da sua barriga, seria diferente.

Tânia: Não precisa ser diferente. Não consigo me imaginar com uma barriga enorme com um ser dentro de mim. Não consigo, não quero. A Tia Rita não teve filhos por esse motivo e você nunca achou estranho. Eu vou ter filhos.

Vera: Não tem nada a ver com a Rita. A Rita é vaidosa demais... ficava irritada só de me ver amamentando, achava uma coisa meio animalesca, sei lá. Achava a mulher grávida deformada, não queria de jeito nenhum, a gente vivia discutindo por isso. Mas você não. Você e a Vanessa não podem ter filhos porque são homossexuais. Nenhum dos meus amigos gays teve filho, não parecia uma opção. E agora que a ciência, essa coisa do bebê de proveta permite isso você escolhe não engravidar, eu não entendo. Você é o homem da relação, minha filha?

Tânia: Nessa relação não tem homem, mãe.

Vera: Sim, o papel do Homem, vai carregar as malas, dirigir o carro, disputar a atenção da Vanessa com o bebê? E eu sou a mãe do homem. Não, não tem o mesmo espaço na maternidade...

Tânia: Para de falar bobagem, mãe. Por isso não te falei nada. Pra uma psiquiatra você tem que voltar a estudar gênero e sexualidade...

Vera: Deixa de ser irônica, menina. Estou só te alertando para o que você vai perder. Para o que, mais uma vez, essa mulher está tirando de você. Eu me lembro de você e suas bonequinhas, me lembro quão maternal você era, não se acomode em ser o pai, você não merece. Não deixa ela fazer isso com você.

Mudança de luz:

(Música cantada ou incidental)

Mudança de luz

E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim

Vera (continuando a entrevista): Sua mãe ia se orgulhar dessa sua pesquisa. Nos conhecemos na escola. Ela foi a mulher mais corajosa que eu conheci. Nos formamos juntas, engravidamos na mesma época. Seu pai era o amor da vida dela, enquanto a Tânia era fruto de uma aventura. Ela ficou muito feliz com a notícia, enquanto eu só fui entender o que estava sentindo um pouco mais tarde.

Pena que você não lembra da sua mãe. Dávamos banho de sol em você e Tânia juntos. Vocês ficavam lindinhos ao sol.

Tania (lendo) Não me arrependo. Não acho que fugir foi ridículo. Não concordo que a gente tivesse outra saída. Não queria, não quero me separar de você. Ontem não consegui falar contigo porque minha mãe afastou o telefone da cama, não dava para pegar...

Pára de se culpar, peloamordedeus. Foi um ACIDENTE. Acidentes acontecem sem que a gente queira que aconteçam. Tinha óleo na pista, caramba, você não tinha como saber. Por favor, volta a falar comigo, você não me fez mal. Meus pais estão só assustados. Ontem meu dedo começou a mexer! O medico diz que em seis meses a recuperação vai ser completa!

Volta a luz

(Tânia serve mais dois grandes pedaços da torta raspando a travessa)

Tânia: Mãe, escuta. Eu e Vanessa somos um casal. Duas pessoas em relação afetiva que se amam, se respeitam e dividem as tarefas como melhor lhe convém. Até onde eu entendo mãe e pai são a mesma coisa, o que difere os nomes é o gênero das pessoas. Meu pai, por exemplo, não perde nada em ser homem. Foi com ele que eu contei para passar por esse processo. Ele me apoiou, ele sabia de tudo desde o início, até ajudou a gente a escolher o doador.

Vera: Claro! Pra ele tanto faz.

Tânia: Como assim tanto faz?

Vera: É que o Davi, Tânia... Senta direito. A gente nunca te falou isso porque achamos que não era importante, ou achamos que ia te fazer mal, não sei...Sabe, seu pai tem culpa. Culpa cristã, um babaca.

Tânia: Do que você está falando, mãe?

Vera: Tô falando da Vanessa, que virou sua cabeça! Desde que você conheceu essa menina que está tudo errado, você quase morreu, caramba!

Tânia: Mãe, que que tem a ver isso? Tem tantos anos. Juro que eu achei que você tinha superado.

Vera: Eu não vou superar essa merda nunca. Nunca vou esquecer de você sem poder andar por 6 meses. Nunca vou esquecer o medo que eu tive de te perder. E ainda tenho que sorrir para essa mulher todo domingo.

Tânia: Foi um acidente. Você tá cansada de saber.

Vera: Foi uma fuga. Disso eu estou cansada de saber. Fuga de mim, do seu pai, da sua vida. Da chance de você ter uma vida normal.

Tânia: Normal?

Vera: É normal, normal! Chega de ser tão politicamente correta. Chega de patrulha. Normal, heterossexual. Arrumar um namorado, um marido. Normal. Como todo mundo. Engravidar, me dar um neto. Tudo o mais normal. Mas não você se enfiou no carro com essa maluca pra bater no poste, só pode. Para estragar uma vida que podia ser perfeita.

Tânia: Eu fugi sim. De que vida perfeita mesmo? Morando com você, você já em crise com o Afonso. Dos seus gritos, das suas bebedeiras. De uma vida heterossexual. Eu sempre fui gay, mãe! Não foi a Vanessa que fez nada não. Desde os 8 anos que eu sei disso! Aquela merda daquele carro bateu e eu tive que ficar mais 6 meses nessa casa infernal, ouvindo suas loucuras sem mal conseguir falar com a Vanessa. Você foi um mostro sabia?

Vera: Um monstro que cuidou de você sempre. Que acompanhou a sua cirurgia, sua fisioterapia, suas noites com dor. Nessa hora a Vanessa sumiu.

Tânia: Você sumiu com ela! Você afastava o celular de mim porque eu não podia andar. Isso foi muito mais difícil que as dores na perna. Meu pai sabia que eu falava com ela e ele pelo menos não enlouqueceu com isso.

Mudança de luz

E quando passarem a limpo

E quando cortarem os laços

E quando soltarem os cintos

Façam a festa por mim

Tânia: Minha flor,

Estou indo com você. Já tirei tudo do armário da casa da minha mãe. Avisei a ela, ao Fernando e ao meu pai que se quiserem que eu vá visitar que iremos juntas, que eles liguem quando quiserem receber o casal. Ainda bem que você conseguiu esse emprego. Vou hoje ver a geladeira. Te amo.

Volta a luz

(Tânia levanta e vai até a geladeira)

Tânia: Só tem fruta?

Vera: Só. Você sabe que eu não gosto de doce.

(Tânia reaparece com uma tigela de fruta cortada coberta de chocolate)

Vera: O que é isso?

Tânia: Nutella. Peguei no quarto do Luís.

Vera: Minha filha, você tem que se cuidar. Isso faz tão mal. Sempre seu pai, logo ele, te incentivando a criar uma criança sem pai... deixando você ser mãe pela metade. Teve um tempo que eu achei que podia contar com ele. Não escolhi o Davi a toa.

Tânia: Como assim, mãe?

Vera não responde.

Tânia: Anda, mãe, fala logo. Pode dizer.

Vera: (Serve uma nova taça de bebida) É complicado. No Período de luta armada eu vivi muita coisa. Particpei de mais de uma operação importante, você sabe. Teve um momento que fiquei três semanas em um aparelho em Porto Alegre. Não via nem a luz do sol. (longo silêncio)

Tânia: E o que isso tem a ver com o assunto? Eu sei que você passou por muita coisa.

Vera continua em silêncio.

Vera: É que o seu pai, Tânia...

Tânia: É muito melhor que você!

Vera: Talvez. (silêncio).

Tânia: Sempre me apoiou com a Vanessa.

Vera: Ele quis compensar tanto ter criado a princesinha dele no exílio, naquela confusão toda, Chile, Moçambique, Bélgica... que virou sua cabeça. Tudo que você faz é tão lindo que ser sapatão ficou chique agora, né? Mas ele tem razão em parte disso. Parte disso é nossa culpa sim. Você tinha uns 6 anos, estávamos em Moçambique, e te mandamos para o Brasil pela primeira vez., ficar com seus avós. Você viajou sozinha de avião, dormiu uma noite na África do Sul e se divertiu horrores no Brasil. (O celular de Tânia apita) Seus avós levaram você no Tívole, fizeram todas as vontades, quando você voltou disse pra gente: papai, mamãe, a ditadura acabou! Claro, a vida parecia tão boa com vovô e vovó que aquele regime horrível que tinha tirado papai e mamãe do país só podia ter acabado... nossa vida era muito dura mesmo. Talvez dura demais, talvez seja esse o trauma, esse o erro.

Tânia: Erro? Vocês erraram e por isso eu sou gay? Ou sapatão já que você prefere! Você errou em muitas coisas mesmo, mas meu relacionamento com a Vanessa é o que eu tenho de melhor. Certamente não é fruto dos seus erros e sim dos meus acertos.

E eu nem me lembro de nada em Moçambique e nem dessa visita ao Brasil.

Vera: E você acha que isso é normal? Você já tinha 6 anos!

Tânia: E era muito pequena! Não me lembro! (O celular de Tânia apita. Tânia olha) Quer saber do que eu me lembro, lembro de você e papai gritando um com o outro, lembro da gente mudar de casa e de você me proibir de falar com ele, depois eu me lembro do Afonso e de como eu gostei de ter um irmãozinho quando o Luiz nasceu e aí eu me lembro de você e Afonso gritando e do Luizinho ir morar com ele e, quando eu finalmente cheguei na adolescência, eu me lembro do Fernando e dos filhos dele vindo morar com a gente e agora eles também não estão mais aqui! Eu e a Vanessa pelo menos sabemos que temos um casamento responsável e duradouro e que nosso filho vai poder confiar nisso. (Celular de Tânia apita novamente. Tânia pega o aparelho digita alguma coisa)

Vera: Larga esse telefone, que coisa insuportável!

Tânia: Já desliguei.

Vera Fico muito triste por você. Minha vida foi buscando liberdade e felicidade e tive a coragem de fazer isso toda vez que me vi no fim de alguma coisa. Não arrastei nenhum casamento sem alegria, sem disposição, sem admiração, sem tesão. Se entupindo de chocolate! As coisas duraram o ciclo que tinham que durar. É difícil sim, mas sou feliz por ter tido 3 casamentos inteiros e plenos, infinitos enquanto duraram. Espero muito que essa criança não viva em uma casa apática, com duas mulheres casadas por conveniência. Sinceramente, minha filha, é o cúmulo você ter a coragem de se assumir gay e não ter a coragem de avaliar o próprio casamento e encarar as consequências.

Quer dizer que lésbicas não se separam? Acertei agora o termo?

Tânia: Isso não tem nada a ver com sermos ou não gays. Mas sim, eu acredito na família, no casamento, não essa bagunça que é a sua vida! Eu e a Nêssa estamos juntas a quase 15 anos e somos muito felizes. A Vanessa está só insegura, você não tem direito de julgar, você não tem o direito de falar nada! Qual foi o tempo máximo que você ficou casada? Foi com meu pai, naquela confusão... nem sei se posso chamar aquilo de casamento ou se eram apenas cúmplices um do outro, se tínhamos uma família ou uma quadrilha de fugitivos. Fico feliz de não lembrar. Não gosto das histórias que me contam. Um bebê no Chile, vocês ainda acreditando que iam fazer a revolução, voltar para o Brasil pegando em armas... eu estaria aonde, me conta? No carrinho? Naquelas mochilinhas de bebês para as mãos ficarem livres para a guerra? Depois o golpe, refugiados na embaixada do Panamá, felizes de estarmos vivos, cacete, vocês não pensaram em nada, não? Eu fico em pânico sem saber como vou prover essa criança de tudo que ela possa sonhar e você estava feliz de estar viva, ou nem isso importava, a causa era maior... e a nossa causa, a nossa vida, qual era sua preocupação com isso? Me registrou só ali para conseguirmos fugir, depois todo mundo vivendo apertado em um abrigo na Bélgica e, por fim, quando vocês finalmente se formaram o melhor que podiam fazer era construir Moçambique! Vocês trabalhando na universidade e eu

pegando um monte de doença; Deus me livre. Ainda bem que não lembro. Minha prioridade é a minha família e se porque essa criança não vai sair da minha barriga você não consegue entender e ver que vai ser sua neta, você é uma revolucionária de merda mesmo.

Vera: Você quer saber mesmo o que eu penso? Eu acho isso tudo um grande absurdo! Eu não quero estar perto de tanto egoísmo!

Tânia: Como assim egoísmo? Ter um filho é um ato de amor!

Vera: Seu discurso é lindo, mas vocês só querem saber da felicidade de vocês, dos sonhos de vocês e não estão nem aí para essa criança! Uma pobre coitada que vai sofrer a vida inteira por conta dessa sua inconsequência!

Tânia: Porque você foi muito conseqüente na hora de ter filho!

Vera: Fui, fui sim! Não te deixei sem pai. Não te deixei ser a esquisita da escola. Não te deixei carregar os ônus dos meus erros!

Tânia: Foi mesmo muito fácil ser sua filha... Cada hora eu tinha um “tio” diferente... Tudo muito tranquilo.

Vera: Você cala sua boca para falar da minha vida!

Tânia: Você pode falar a vontade. Se acha a melhor mãe do mundo! Pois se eu tiver que escolher entre você e a Vanessa e meu filho, eu escolho a família que estou construindo!

Vera: Então não precisa mais voltar! Vai fazer essa Merda com a sua vida! Você quer fuder minha vida, é isso?!

Tânia: Pára com isso, mãe!

Vera: Você quer fuder minha vida! Você conseguiu!

Tânia: Pára com essa loucura...

Vera: Então vamos, vamos lá falar para seus avós que você é sapatão! Vamos agora? Seus avós vão ficar super felizes que serão bisavós do filho da Vanessa! Vamos agora!

Tânia: Eu vou falar com meus avós depois.

Vera: Eu não quero estar perto. Não quero ver a decepção que você vai causar neles! Quer saber, você não vai falar porra nenhuma, eu posso proteger seus avós! Você era a menininha mais linda do mundo! (Vera cai no choro) Nunca pensei que você fosse me decepcionar desse jeito!

Tânia: Eu te odeio por isso!

Vera (ainda chorando): Me odeie se quiser. Eu fiz o que era possível fazer. Você foi filha da guerra sim e isso é horrível. A guerra é horrível. Eu tava sozinha, longe de tudo que eu

sempre conheci. Você não se lembra do exílio, mas eu me lembro muito bem. Da saudade, do medo. Ser estrangeira sempre e em qualquer lugar. Misturar tantas línguas sem conseguir me comunicar de verdade que até na minha própria língua me tornei estrangeira. Perdi tudo. Nunca mais consegui me sentir em casa. Mas depois de tudo que tinha acontecido você foi meu único paradeiro. Você que permitiu minha sobrevivência. Eu estava morta por dentro e você me devolveu a força. Mas era também por você que eu tinha que lutar. E dei sim minha juventude, a integridade do meu corpo, cada pedaço de mim para que o futuro fosse outro. Fosse livre. E é outro. A gente não podia escolher. A guerra era uma necessidade. Você pode escolher.

Tânia a abraça. Vera levanta e lava o rosto.

Mudança de Luz

Quando lavarem a mágoa

Quando lavarem a alma

Quando lavarem a água

Lavem os olhos por mim

Tânia: Minha eterna namorada,

Feliz aniversário de namoro. Hoje fazem 12 anos. Achei essa caixa com nossa correspondência do tempo de namoro... Estamos velhas mesmo, ainda escrevíamos cartas! Tanta coisa que passamos juntas que nem consigo acreditar que sobrevivemos até aqui e que planejamos tão mais.

Sei que as coisas andaram difíceis, não é fácil pra mim a ideia de ter filhos. Mas tenho pensado muito no que você falou. Escrevo hoje para dizer que você tem razão. Está na hora, nossa relação está madura (e os óvulos também...rs).

Vera e Tânia: Sabe quando uma criança é capaz de mudar o mundo?

Vera: (continuando a entrevista) Foi assim quando minha filha nasceu. Me deu a impressão de que parou tudo por um instante. Todos os meus medos, as ansiedades, tudo. Anos mais tarde estávamos na Bélgica e nos reuníamos, os exilados, uma vez por semana na minha casa. As crianças gostavam, encontravam outras crianças com quem podiam falar português.

Teve um dia que me dei conta que tudo tinha terminado. Durante muito tempo, a cada encontro, fazíamos planos, acompanhávamos a luta dos nossos companheiros, nesse dia percebi que quem não tinha morrido estava preso ou exilado. Tinha acabado. Olhei para minha filha, para as outras crianças e pensei o que elas iam fazer com tudo isso.

Tânia (terminando a carta): Sinto que nosso mundo vai virar de cabeça para baixo, mas com você, vale a pela.

Sua,

Tânia

Volta a luz.

Vera levanta, vai ao quarto e pega uma pasta escrito Tânia .

Tânia: Eu lembro dessa pasta! Tem boletim da escola desde a primeira série. Todo ano ia pra pasta.

Vera: Você já viu essas fotos?

Tânia: Acho que não. São no Chile?

Vera: São.

Tânia: Você ficou bonita grávida.

Vera: Eu estava de 5 meses. Esse foi o dia que eu reencontrei o Davi. Não via seu pai a mais de um ano.

Tânia: Eu sei. Já fiz essas contas faz muito tempo.

Vera: Eu não sei nada do seu pai de verdade.

Tânia: Eu tenho o melhor pai do mundo. De verdade. (veem as fotos em silêncio. Tânia pega outra foto). O papai tá tão novinho nessa aqui. Comigo no colo. Eu era fofinha.

Vera: É engraçado, você sempre foi a cara do seu pai.

Tânia: É engraçado mesmo. O destino cuida dessas coisas.

De você não tenho nada mesmo.

Vera: Você é estudiosa como eu.

Tânia: cabeça dura.

Vera: obstinada e corajosa.

Tânia: Obrigada. E os olhos e a falta de aptidão para matemática...

Vera: Você não entende. Eu devo ser uma revolucionária de merda mesmo. Você me coloca no lugar da minha mãe. E eu que criticava tanto. É muito difícil, minha filha, você vai ver. Mesmo naquela confusão, como você chama, nós tentamos muito passar o que era importante. Eu e seu pai tentamos ser diferentes, diferentes da maioria, criar vocês de maneira diferente, dar opções. Fizemos o oposto dos nossos pais, acreditamos no diálogo, mostramos tudo o que achamos de importante em termos de valores, aqueles valores fundamentais. Sabe o que aconteceu? Vocês aprenderam. Eu sei que tenho preconceitos e fico feliz, muito feliz, pois nos esforçamos para vocês terem a cabeça, as possibilidades mais abertas. Mas não imaginava que eu poderia ser surpreendida, não imaginava que estaria no lugar da minha mãe sem saber o que fazer. Dei a você muitas opções, te ensinei que todas eram boas e você não escolheu a que eu imaginava. Eu me surpreendi.

Tânia: Eu sei. Eu preciso da sua ajuda. Eu não quero fazer tudo diferente de vocês. Muito pelo contrário. Admiro a maneira que eu fui criada, admiro os valores, os ideais, a busca pela liberdade. Quero que me ajude a criar seu neto.

Vera: Vou ser uma boa vevé.

Tânia: Estou preocupada em falar com meus avós. É muita informação para eles. Devia começar assim: oi vó, não sou mais virgem, sou gay, casei com a Vanessa a quase 15 anos e vamos ter um filho da barriga dela!

Matei a vovó ou não?

Vera: Se eu não matei sua avó não é isso que vai matar. Você acha que a sua avó apoiava que a gente fizesse a revolução? Você acha que ela servia cafezinho nas nossas reuniões? E se eu fosse ela, também não apoiaria. Porque ninguém quer que seu filho sofra, ou morra. Mas na hora que a gente estava nisso até o pescoço, sim, ela estava do lado. Mamãe me levava balinha na Ilha Grande. Gastou todo o estoque de reza dela comigo. Depois que eu voltei, viva, acho que eu podia casar, separar, ter 3 maridos ao mesmo tempo que ela estava sempre feliz. Nenhuma revolução comportamental era capaz de afastar ela de mim. Vai sem medo filha, sua vó achou que ia conhecer o que uma mãe pode viver de pior. Isso não aconteceu, ela é feliz e compreensiva.

Tânia: Na verdade eu estou bem apavorada. E se ele não gostar de nada que estamos preparando para ele e se sofrer por ter duas mães, crianças são más.

Vera: Crianças são más por qualquer motivo, a gente não controla. Um é o gordo, o outro quatro olhos, ter duas mães pode ou não interferir nisso. Cada um tem a sua particularidade, a sua história, ele vai ter que lidar

Sério, essa criança não vai se imaginar sem ter duas mães. Ele vai conhecer o mundo assim.

Tânia: A Vanessa também está preocupada em como falar para ele, como contar essa história... Eu escrevi a historinha, como em um livro pra criança.

Vera: Posso ver? Tá com você?

Tânia: Aqui.

Mudança de luz. Tânia lê a última carta. Essa para seu filho:

(música cantada ou incidental)

Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim

Tânia: Filho,

Era uma vez duas mães que queriam muito um filho
Elas sonhavam com ele todos os dias
E um dia, elas sabiam, ele viria

As mães procuraram seu neném
Em todas as nuvens
Em todas as estrelas
E em todos os seus sonhos também
E lá encontraram

Primeiro buscaram um doador
Que deu a sementinha que faltava
Depois chamaram um médico
Que ajudou no que precisava

Misturando a sementinha na barriga de uma das mães
Com um bocado de amor
Um tanto de carinho
E uma pitada de esperança
Lá estava uma criança

A barriguinha foi crescendo e o amor das mães também
Arrumaram quarto
Roupa e brinquedo
Jogaram fora medo e segredo
Tudo pro neném!

Até que um dia
O dia mais bonito de todos os dias
O neném nasceu
Cercado de amor e carinho
Um outro dia ele cresceu

E quando fazia das suas
Essa criança, sempre linda, dizia,
Mães, eu tenho duas!!

Volta a Luz.

Vera: Deita aqui, filha. Lá no Chile eu atravessava um rio a nado. Era muito gostoso, encontrávamos os amigos que estavam lá, bebíamos cerveja era a maior alegria. Eu nado bem, você sabe, eu nado muito bem. Quando cresceu a barriga fomos ao rio e eu só consegui atravessar com mais de uma boia e colete salva vidas.

Nunca senti tanto medo

(A luz vai se apagando devagar, a música instrumental sobe misturada com sons de choro de bebê).

FIM